

Masculinidades Divergentes: reificando um ideal de homem¹

Autor: Renato Kerly Marques Silva

Co-autora: Juciana de Oliveira Sampaio

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Maria Nascimento Sousa

Universidade Federal do Maranhão

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Resumo:

Este trabalho discute como algumas performances masculinas têm ganhado destaque entre as práticas homoeróticas, reproduzindo uma divisão hierárquica entre “machos” e “bichas”. Esta pesquisa foi realizada a partir da análise de algumas descrições observadas na *internet* relacionadas à “homens que fazem sexo com homens”, observadas em perfis de usuários em comunidades virtuais de relacionamento e alguns *sites* relacionados à temática *gay*. Percebe-se que a construção do que poderia ser entendido como a elaboração de um sistema simétrico (FRY, 1982) que desestabilizaria a dicotomia ativo x passivo, (na qual o ativo seria o dominador e o passivo seria o dominado, como é próprio do sistema binário de classificação do gêneros) acaba por reafirmar sistemas hierárquicos. Diante da observação de uma supervalorização de performances mais virilizadas e da dissociação das categorias de atividade e passividade como práticas sexuais exclusivas de “machos”, a primeira, e de “bichas”, a segunda. Percebe-se que a construção da noção de inteligibilidade desses sujeitos (BUTLER, 2003) parece ocorrer a partir da reificação da dicotomia masculino x feminino. No entanto, a prática sexual parece ser orientada para as configurações masculino x masculino, afirmando assim, uma forma de expressão homossexual masculina que reproduz os efeitos discursivos da virilidade enquanto outras formas permanecem marginais.

Palavras-chave: Masculinidades. Sexualidade. Gêneros Inteligíveis.

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

Masculinidades Divergentes: reificando um ideal de homem

*Nunca vi rastro de cobra
Nem couro de lobisomem
Se correr o bicho pega
Se ficar o bicho come
Por que eu sou é home
Por que eu sou é home
Minino eu sou é home
Minino eu sou é home
E como sou!
Homem com H*

1. Introdução

Os estudos de Gênero marcam algumas mudanças na forma de como se tentava compreender as relações de opressão estabelecidas entre homens e mulheres observadas em várias sociedades. Uma das grandes colaborações de tais estudos foi a observação de que as imagens de homens e mulheres que cada sociedade comunga são produzidas histórica e socialmente, a partir do estabelecimento de relações de poder que produziram uma divisão sexual entre machos e fêmeas e hierarquizaram esses papéis.

No Ocidente, vários discursos colaboram para uma naturalização do que seriam homens e mulheres, algumas correntes da crítica feminista e dos estudos de gênero questionaram como diversos discursos (médicos, jurídicos, religiosos etc.) produzidos para explicar uma diferença entre os sexos, colaboraram para a construção do gênero através de elementos que não estão nos corpos. Segundo Lauretis, a demarcação do que seria homem ou mulher “nem [é] algo existente *a priori* nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, *o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais* por meio de desdobramentos de “uma complexa tecnologia política” (LAURETIS, 1994, p. 208).

Essa “tecnologia política”, como cita Foucault, ou como diria Lauretis (1994), essa “Tecnologia do Gênero”, estabeleceu uma divisão das identidades sociais/sexuais, que dentre outras coisas contribuiu para o estabelecimento de uma divisão sexual do trabalho, e apresenta um caráter dinâmico onde a própria representação do gênero exhibe o processo de sua construção (LAURETIS, 1994).

Nestes termos, Gênero seria o elemento que possibilitaria a inteligibilidade dos sujeitos (BUTLER, 2003); a partir do estabelecimento de uma dicotomia que opõem a idéia do que seja um homem à idéia do que seja uma mulher, e da inserção de indivíduos em dois pólos² distintos onde os indivíduos teriam seus papéis sociais definidos.

² A atividade de adequação dos sujeitos a uma dessas duas opções foi realizada com grande intensidade, sobretudo, pelos discursos médico/psicológicos do século XIX.

Influenciados por diversas pesquisas realizadas por teóricas do Gênero, alguns trabalhos sobre masculinidades começaram a questionar a uniformidade com que o *homem* era pensado. E assim, corroboraram para observação de um sujeito múltiplo e fragmentado (GROSSI, 1995), produzido a partir de diversos discursos, muitas vezes instituídos a partir de ritos de passagem, que pretendiam produzir e demarcar um ideal de homem opondo-o a um ideal de mulher.

Diversos pesquisadores têm questionado como esses sujeitos masculinos são produzidos através da reprodução de valores como a honra que implica na necessidade de manter o *status* de homem honrado, principalmente frente a outros homens. Um dos fatores que manteriam o homem na posição de honrado estava diretamente ligado à sua não relação a nada que pudesse remeter às esferas do feminino.

A prática sexual entre homens representaria uma atividade que poderia destituir os sujeitos nelas envolvidos dos locais ditos honrados. Nesse sentido, os trabalhos desenvolvidos por Peter Fry (1982) colaboram para se pensar como alguns discursos produziram de um sistema hierárquico que dividia os praticantes de sexo entre homens em categorias mais ou menos aceitas na sociedade. Essa hierarquização operava para o estabelecimento de vias para uma vivência da homossexualidade que ao atualizar uma dinâmica de sexualidade próxima à realizada entre homens e mulheres, marcada pela divisão entre atividade e passividade sexual³, possibilitava uma reprodução do relacionamento heterossexual deslocando a referência genital expressa na oposição entre machos e fêmeas para um sistema de relações baseados na oposição masculino x feminino, que neste trabalho pode ser re-escrito na forma masculino x afeminado.

Concorrente a esse sistema hierárquico, Fry (1982) também observa a existência de um sistema simétrico no qual as relações de atividade e passividade não se constituem como papéis fixos, onde ocupar um desses papéis ou cruzá-los não remeteria à divisão entre “homens” e “bichas” atualizado pelo primeiro sistema.

Nesse sentido, este trabalho procura observar como um sistema simétrico de relações sexuais entre homens tem sido produzido, que conjuntos de representações e que discursos têm sido elaborados para a expressão de uma sexualidade centrada na categoria de homens que fazem sexo com homens. Para tanto, tomamos como local para observação e produção dos dados aqui utilizados o *espaço de sociabilidade* criado por comunidades⁴ do *Orkut*.

Pensar a *Internet* como local de análise antropológica decorre da possibilidade de considerar o:

³ Atividade e passividade sexual remetem ao ato de penetrar e ser penetrado durante a relação sexual.

⁴ Maiores informações sobre o *Orkut* e suas comunidades serão fornecidas no próximo tópico.

Ciberespaço, da mesma forma que o “espaço social”, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem no seu interior (GUIMARÃES JUNIOR, 2007).

Os textos citados ao longo desse trabalho foram colhidos entre os meses de dezembro de 2007 e janeiro de 2008, para a realização deste trabalho, não achamos necessário mapear a quantidade de comunidades presentes no *Orkut* relacionadas ao tema em destaque nem o número de membros que participam delas e sim analisar que discursos estão sendo produzidos sobre o que é *ser homem* quando este *ser homem* está relacionado a uma experiência bissexual ou homossexual centrada na expressão de uma virilidade.

2. Etnografando

Este trabalho pretende traçar uma análise sobre algumas relações de sociabilidade estabelecidas entre usuários do *Orkut*⁵ e observar como este espaço apresenta-se como local de produções de discursos sobre o *ser homem* e sobre algumas vivências da masculinidade, sobretudo as relacionadas a práticas sexuais entre *homens*. Considero o *Orkut* como um local de construção de espaços simbólicos produzidos a partir da interação de um número variável de pessoas que possuem acesso ao *site* (que tem caráter público, ou seja, qualquer usuário pode ter acesso à maioria das informações disponibilizadas por outros usuários).

Os membros do *Orkut* organizam-se a partir de um perfil que relaciona cada usuário a duas estruturas em rede, uma relacionada aos membros aceitos como amigos do usuário, e outra relacionada às comunidades nas quais os usuários decidem participar.

O número de amigos e de comunidades que cada usuário pode ter eleva-se a números de difícil mensuração. Embora o limite de amigos seja limitado ao número de 1000 amigos por perfil existe a possibilidade dos usuários criarem um número indeterminado de perfis (página que disponibiliza o número de amigos e comunidades do usuário e algumas características descritas pelo usuário) e não há limites para a criação de comunidades.

Comunidades funcionam como fóruns de discussão, associações de usuários em torno de uma determinada temática. O foco deste trabalho está orientado para comunidades que discutem sobre algumas práticas homoeróticas. Devido à abrangência em escala mundial que o *Orkut* atinge, este trabalho limitou-se a observar comunidades escritas em português.

⁵ Site da internet que possibilita a formação de *redes sociais* em ambiente virtual, fundado em 24.01.2004. Dentre os diversos *sites* com a mesma finalidade do *Orkut* ele é o que contém a maior quantidade de usuários brasileiros, algo em torno de 23 milhões de usuários que representam, aproximadamente, 55,32% do total de seus membros, segundo censo realizado em 12.01.2008. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#cite_ref-1

As comunidades observadas apresentam uma distribuição desigual pelo Brasil, muitas delas fazem referências a grandes cidades que se concentram nas regiões sul e sudeste, de forma muito expressiva na região metropolitana de São Paulo. No entanto, diversas capitais brasileiras são citadas em diferentes comunidades, na maioria das vezes, o título da comunidade já indicam o local de concentração de seus membros, por exemplo: MACHOS TAUBATE Q ADORAM MACHOS⁶, Sexo - machos discretos Belém, UFSC entre machos.

Embora localizadas num espaço virtual, um dos principais objetivos de tais comunidades é a realização de encontros entre seus membros, os objetivos desses encontros situam-se entre rápidas relações sexuais e namoros. Dependendo do tipo de interesse em encontros com outros usuários, diversas comunidades foram criadas, estabelecendo uma segmentação entre diversas práticas homoeróticas que organizam encontros de sexo grupal, sadomasoquismo, masturbação, ou outras práticas. Como podem ser observadas em comunidades como: Grupal entre machos, Quero machos ativos e dotados, MACHOS PUNHETEIRO DO RJ.

Os usuários das comunidades analisadas apresentam-se, basicamente, divididos em dois grupos, um composto por pessoas “reais” que expõe seus nomes, fotos suas, de amigos e, às vezes, de familiares. A orientação sexual desses usuários é marcada entre a bissexualidade e a homossexualidade sugerida pelo termo *gay* preenchido no perfil, e muitas vezes percebido no não preenchimento desse dado (o *Orkut* não disponibiliza a possibilidade de orientação homossexual).

O outro grupo é composto por *fakes*, perfis falsos, normalmente pessoas que colocam fotos de modelos e não oferecem muitas informações que possam indicar quem eles sejam fora do mundo virtual. O perfil *fake* costuma indicar que poucas pessoas sabem sobre as práticas sexuais desses usuários e às vezes deixam claro que alguns usuários desenvolvem vidas duplas. A possibilidade de aproximação nesses casos é realizada via *msn*⁷, como sugere o texto de um dos perfis observados:

Se quisé me conhece eh só pedi meu msn =], lá q eu tenho mais fotos e a gente pode se conhece melhor... [sic]

Uma grande quantidade de usuários do *Orkut* está interessada em estabelecer relacionamentos, não exclusivamente sexuais, mas a grande maioria deles deixa claro os interesses da sua participação nas comunidades.

Sou uma pessoa extrovertida que gosta de estar com amigos... Sou muito sincero e claro nas idéias. **Não gosto de afeminados.** Não tenho experiência no assunto desta

⁶ Decidimos conservar a formatação original dos nomes das comunidades.

⁷ Programa de computador que serve para envio de mensagens, conversas ou vídeo conferências, *on line*.

comunidade, mas estou a procura de alguém especial e não só de sexo. Tenho 30 anos, 1.77 m, 75 kg, olhos e cabelos castanhos, pelos no corpo. Tenho MSN e tenho cam tbm. A quem interessar basta pedir. Não adicionarei menores de 21 anos e nem afeminados. Pessoas pouco sérias, favor não pedir pra adicionar.

Hum, tenho 17 anos, 1,80 de altura, cabelos e olhos castanhos. Curto cinema, balada, shop e amo mto meus amigos!!

Não sô assumido nem nada, **naum sô afeminado e nem curto esse tipo de coisa...** gosto de mlks q nem eu, totalmente discretos, prefiro mais velhos, mais no maximo ateh uns 25 anos...passo disso jah naum vô nem add. [sic]⁸

A apresentação física e dos interesses dos usuários das comunidades observadas funcionam como delimitação de um parceiro idealizado, no caso, que se encaixe no padrão de não efeminados, espaço onde os autores da descrição também julgam encaixar-se.

Esse espaço onde o não efeminado parece encaixar-se é descrito por uma variação bem grande de categorias êmicas que variam entre *homens*, *machos*, *machos discretos*, *homens gays*, *gays não afeminados*, *homens bi*, *machos gays*, *gays machos*, *machos bi*, *homens casados*, *machos casados*, *bissexuais casados*, *moleques*, *brothers*, *sarados machos*, *sarados tatuados*, *machos tatuados*, *manos*, *evangélicos casados machos*...

A demarcação que é produzida pela nomeação de cada comunidade estabelece uma relação de semelhança/espelho entre seus membros, por exemplo, na comunidade dos *machos tatuados* o interesse dos membros que se definem por essa denominação é estabelecer contatos com outros *machos tatuados*, mas parecem ser poucas as comunidades que estabelecem essa regra.

3. As Comunidades e a produção do Não-afeminado

O processo de definição do que seria um *homem* que se relaciona sexualmente com outros homens é perpassado por alguns movimentos de demarcação dos diversos comportamentos permitidos a esse *homem*, nas comunidades observadas tais práticas parecem instituir um conjunto de regras que determinam o que ele é, o que faz e o que deseja.

Embora, em diversas comunidades, as categorias “macho”, “homem”, bem como as outras já citadas nesse trabalho, indiquem uma diversidade de práticas homoeróticas, um ponto em comum, presente em muitos dos textos de apresentação dessas comunidades faz referência ao tipo ideal de parceiros almejados pelos membros das comunidades expressa pela

⁸ Para um melhor entendimento do texto achamos por bem adaptá-lo ao português padrão “tenho 17 anos, 1,80 de altura, cabelos e olhos castanhos. Curto cinema, balada, shopping (ou talvez chope) e amo muitos meus amigos! Não sou assumido, não sou afeminado nem curto esse tipo de coisa. Gosto de moleques como eu, totalmente discretos, prefiro garotos mais velhos, mas no máximo até uns 25 anos, passou disso já não vou nem adicionar (aceitar o interessado como amigo)”.

citação: “**Não sou, não gosto de afeminados**” reproduzidas em comunidades e no perfil de muitos dos usuários cadastrados.

Como sugere Braz (2007), é importante:

(...) pensar que quando esses homens se dizem “machos” não estão se opondo necessariamente à “feminilidade”. A rejeição aqui é de quaisquer atributos – corporais, gestuais, comportamentais, relativos a sentimentos, sensações ou expectativas – que possam ser relacionadas ao estereótipo do “afeminado”. A valorização do “macho”, os discursos que constituem o macho como objeto de desejo, não se opõem nesse sistema à feminilidade, mas à “bichice” (BRAZ, 2007, p.11).

Nestes termos, a situação de casados bissexuais não se apresenta como um problema, mas como uma possibilidade de expressão da masculinidade não afeminada, o que parece constituir-se como uma operação de inscrição de indivíduos *gays* e bissexuais num espaço de inteligibilidade (BUTLER, 2003), em oposição ao sujeito afeminado que se constituiria como um ser não aceito, ou pelo menos, não desejado. A demarcação dos comportamentos e das possibilidades sexuais permitidas ao homem descrito nas comunidades relacionadas contribuem para a delimitação de um sujeito cujo gênero deve ser o derivativo do sexo. Os seguintes textos de apresentação de algumas comunidades indicam a separação operada pelos seus membros:

MACHOS QUE CURTEM MACHOS:

COMUNIDADE CRIADA PARA HOMENS, MACHOS, COM JEITO, VOZ E ATITUDE DE HOMENS. QUE CURTEM UMA BRINCADEIRA COM OUTRAS CARAS TAMBÉM...

Gay é homem:

Para você que gosta de homens não afeminados, discretos. Esta é a sua comunidade. Homens que sabem apreciar o homem que mantém uma postura discreta e não se acham "mulheres no corpo de um homem" e sabem que a questão da sexualidade não interfere no comportamento.

SEJAM TODOS BEM VINDOS. ESPERO QUE ESTA COMUNIDADE POSSA SER ÚTIL E QUE POSSAMOS NOS APROXIMAR DE PESSOAS COM O MESMO PENSAMENTO SOBRE A SEXUALIDADE.

Eu sou muito MACHO! (GAY):

Esta comunidade é para quem é gay, mas é macho também. Sem discriminar qualquer tipo de pessoa, aqui a gente só quer se manifestar do jeito que a gente é.

Homens Gays NÃO Afeminados:

Esta comunidade é destinada a HOMENS QUE SENTEM ATRAÇÃO POR OUTROS HOMENS e NÃO se identificam com afetações. O objetivo é abrir um canal para que HOMENS MÁSCULOS (que sejam gays ou bissexuais) tenham chance de conhecer outros com o MESMO PERFIL E INTERESSES. Quer seja para travar amizade; namorar; bater papo, etc.

Esse atrelamento entre um sexo e um conjunto de comportamentos que confirmariam esse sexo, reconhecendo nele um verdadeiro eu dos sujeitos, nos remete aos trabalhos de Michel Foucault (1984). Foucault questiona-se o porquê de uma sociedade, em um

determinado momento (durante o século XIX) ficar tão preocupada com o sexo do sujeito a ponto de relacionar a própria verdade do seu ser a esta esfera. Para ele, em nenhum outro momento da história ocidental se falou tanto sobre sexo, de forma que todos os discursos buscavam insistentemente controlar, regular e coagir as condutas dos sujeitos, formando assim condições destes mesmos realizarem uma auto-regulação.

Essa auto-regulação que funcionou como elemento de demarcação de um sistema de sexo-gênero pelo campo científico acabou por fundamentar o que Butler (2003) descreve como a matriz da heterossexualidade compulsória a qual estabelece um contínuo entre sexo, gênero, desejo e prática sexual dos indivíduos estabelecendo cruzamentos permitidos e não permitidos (coerências e incoerências) entre as categorias citadas. A inteligibilidade da matriz heterossexual é baseada em evidências físicas e anatômicas, ao pressupor que corpos geram performances de gênero, atos que não são deliberados, mas frutos de práticas reiterativas pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia (BUTLER, 2001, p.154). Segundo essa autora, o sexo é uma das normas que torna possível “alguém” se tornar viável, ou melhor, é o que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural.

No entanto, os discursos citados estabelecem novas configurações que parecem deslocar a matriz heterossexual, apresentando novas possibilidades de desejo e práticas sexuais para os indivíduos classificados como homens que se opõem à heterossexualidade hegemônica. Ao instituir o afeminado como sujeito não desejado, os discursos que atualizam essas *outras* possibilidades como inteligíveis também produzem locais fora da *nova* norma, onde o afeminado é colocado.

Gay, sim... bicha, NUNCA:

Comunidade destinada àqueles caras que apesar de só curtirem homens, jamais dariam a liberdade a outra pessoa, se vestindo de mulher, efeminada, bem BICHONA, para os chamarem de BICHAS, BIBAS, TRAVECOS, MALVAS OU COISAS DO GÊNERO.

O fato de curtirmos homens não significa que sejamos BICHAS, pois nos respeitamos e melhor ainda, respeitamos os outros.

Curta homens, mas não deixe de lado a sua masculidade, pois se curtissemos efeminados, procuraríamos mulheres. Batamos no peito quando levantarem a voz pra gente nos chamando de bichas, e gritemos mais alto: OPA... GAY, SIM... MAS BICHA, NUNCA!!!!

Detesto gatinhos viadinhos:

Comunidade dos caras machos que detestam esses gatinhos viadinhos e boiolinhas que miam o dia todo no nosso ouvido e na cama quando dão o rabo. Gostamos de pit bulls !!!

O *viadinho*, o *boiola* e a *bicha* são inscritos (ou permanecem inscritos, pois imagino que ainda não deixaram de representar) no lugar da ininteligibilidade. Simultaneamente à produção de seres inteligíveis surgem os *seres abjetos*, aqueles

considerados como os que *ainda não são sujeitos*. Estes seres, no dizer de Butler, invocam e impõem uma existência impossível.

O abjeto significa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que soa, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. (BUTLER, 2001, p. 155)

Operando o deslocamento de duas categorias dentre as que Butler propõe estabeleceram a inteligibilidade dos seres, os discursos reproduzidos pelas comunidades analisadas estabelecem uma continuidade entre o sexo e o gênero, confirmada pela expressão da virilidade de seus membros.

Para pensar sobre os aspectos da expressão da virilidade destaco a discussão de Gayle Rubin sobre a produção de sujeitos virilizados homo ou bissexuais:

(...) Entre os homens gays, a adoção da masculinidade é complicada, e tem muito a ver com a rejeição da identificação do desejo homossexual do homem com a efeminação. Desde meados do século XIX começou a se processar, gradualmente, uma distinção entre escolha do objeto homossexual e o comportamento transgênero, isto é, a adoção do comportamento do gênero oposto. A classificação *homossexual másculo* (assim como *lésbica feminina*) outrora era considerada um paradoxo; essas pessoas existiam, mas eram “inconcebíveis” em termos dos modelos hegemônicos de sexualidade e de gênero. O desenvolvimento da comunidade “*leather*” é parte de um longo processo histórico no qual a masculinidade foi reivindicada, afirmada e reapropriada pelos homossexuais homens.

O homossexual masculino *leather*, inclusive os gays sadomasoquistas, codificam os sujeitos desejantes/desejados e os objetos desejantes/desejados como masculinos. Nesse sistema, um homem pode ser subjugado, reprimido, torturado e penetrado e, ainda assim, manter sua masculinidade, desejabilidade e subjetividade... (RUBIN; BUTLER, 2008, p. 203-204)

Dessa forma é configurado todo um ideal em torno de práticas sexuais reproduzidos pelos títulos das comunidades, por exemplo, COMEDORES DE BROTHERS, MACHOS PUNHETEIROS DO RJ, MACHOS SENDO FUDIDOS, Grupal entre machos. Da mesma forma uma variedade de tipos corporais são descritos como produtos de desejo, por exemplo, SARADOS GAYS E MUITO MACHO, MACHOS MAGROS QUE SE CURTEM, Machos Tatuados, Mano X Mano - Só Machos. Além disso, um conjunto de fantasias sexuais são associados a um conjunto de possibilidades de expressão de uma sexualidade hipervirilizada entre homens, como nas comunidades: Sou PM e curto homens, MACHOS USAM/CURTEM TERNO BR, Evangélicos casados Machos ou Quero machos ativos e dotados.

Embora uma pluralidade de variações apareça nessas comunidades, a norma que parece regulá-las é centrada na não expressão da feminilidade pelos homens envolvidos. Homens que fazem sexo com homens podem ser considerados como seres inteligíveis contanto que não expressem nenhuma aproximação com o *feminino*.

4. Considerações

O movimento de cruzar e recruzar os limites da diferença sexual realizado pelos sujeitos que se situam onde essas *fronteiras* parecem borradas ou mesmo apagadas são entendidos no discurso das comunidades estudadas como um espaço não compreensivo, habitável, mas não desejado. De modo que para eles não existe nenhuma realidade social para uma dada sociedade fora de um sistema particular de sexo-gênero.

A possibilidade de pensar sobre o apagamento de fronteiras “rígidas” do sistema sexo-gênero não parece como objetivos dos grupos destacados já que os deslocamentos operados parecem dirigir-se exclusivamente às possibilidades de orientação do desejo e de práticas sexuais. Existir fora dos limites da “diferença sexual” parece, se observarmos a necessidade dos sujeitos auto-denominados como homens e machos das comunidades pesquisadas, como inserir-se no campo da ininteligibilidade e, por conseguinte, fora de uma humanidade. Nesse caso, *não ser homem*, aparece como um *não-ser*, algo que toca o espaço do abjeto.

Reconhecer-se nos textos das comunidades estabelece um diálogo muito diferente do realizado pela música que serve de epígrafe deste trabalho e que tantas vezes é cantada em tom de ironia. A canção, *Homem com H*, sugeria um claro movimento de *performance parodística* (BUTLER, 2003) o qual supomos não esteja mais presente no diálogo que agora visualizamos. Tal diálogo poderia ser descrito na seguinte forma:

- Por que te inscrever em tal comunidade? – Porque sou homem!
- Por que me inscrevi em tal comunidade? – Porque és homem!

O movimento de confirmação de uma masculinidade acabaria por negar a morada no *inabitável* que uma experiência homossexual poderia produzir nesses sujeitos.

A atualização e reprodução de papéis distintos do *ser homem* e consequentemente do *não-ser* apresentam-se como uma das principais atividades das comunidades estudadas, e acabam por reificar continuamente uma dicotomia entre masculino/feminino. Ao atualizarem um outro movimento para a música/ epígrafe deste trabalho, tais comunidades não precisam demarcar o que o homem não fez/faz, com isso queremos dizer que a atividade e/ou passividade em suas relações sexuais nada interessam para sua demarcação como homem. O que tem peso é o que ele não deve expressar: nada que faça referência à feminilidade para que seu local de morada seja demarcado então, na *casa dos homens*.

Referências:

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Nem Toda Nudez Será Castigada**: sexo, fetiche e s/m entre homens em São Paulo. Disponível em : [http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT20%20Sexualidades,%20Corporali dades,%20Transgressões/Artigo_sbs_2007\[2\].pdf](http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/papers/GT20%20Sexualidades,%20Corporali dades,%20Transgressões/Artigo_sbs_2007[2].pdf) , acessado em: 30.set.2007.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Guacira Louro (Org). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRY, Peter Henri. **Para Inglês Ver**: identidade e cultura na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GROSSI, Miriam Pillar. **Masculinidades**: uma revisão teórica. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1995.

GUIMARÃES Jr, Mário J. L.. **Sociabilidade e Ciberespaço**: distinção entre plataformas e Ambientes. Disponível em: http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.html acessado em: 20.dez.2007.

RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. **Tráfico Sexual – Entrevista**. In: **Cadernos Pagu** (21), Campinas, 2003. pp. 157-209.

SCOTT, Joan W.. **Gênero**: uma Categoria útil para a análise histórica. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html acessado em 07.nov.2005.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.